



## ***Big Tech. A ascensão dos dados e a morte da política***

**Evgeny Morozov**

Ubu Editora, São Paulo, 2018, 192 págs.

Por **Mayara Mayumi Sataka e Matheus Felipe Silva \***

Na obra *Big Tech. A ascensão dos dados e a morte da política*, Evgeny Morozov discute temas relevantes da sociedade contemporânea. A edição, na qual nos baseamos para realizar este trabalho, conta com um prefácio do próprio autor sobre a realidade brasileira. Nessa obra, alguns termos abordados pelo autor estão não só nas esferas acadêmicas e científicas, mas presente na vida cotidiana de muitas pessoas, tais como “tecnologias”, “empreendedorismo”, “inteligência artificial”, entre outros. Entretanto, as reflexões de Morozov geram inquietações profundas da vida social, uma vez que o pesquisador desvela os riscos de se acreditar nas narrativas provindas do Vale do Silício. Além disso, ao longo de todo seu livro, Morozov reitera as ameaças à democracia proporcionadas pelo capitalismo digital. Em vista à continuidade deste trabalho, nas palavras que seguiremos explicitaremos as ideias de Morozov.

269

O livro inicia-se com o capítulo “Introdução: capitalismo tecnológico e cidadania”. O autor faz uma breve retomada histórica das tecnologias até o momento atual, com os momentos de contracultura que houve tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Nessa direção, Morozov elucida que tal contracultura foi absorvida pela lógica mercadológica capitalista, em um momento, com a ideia de indivíduo consciente e autossuficiente das suas escolhas. Assim, contemporaneamente, o Vale do Silício afirma fornecer-nos os instrumentos para todos os setores de nossa vida e até mesmo para combater o sistema. O Vale do Silício representa o arranjo do capitalismo contemporâneo, no entanto, já não se baseia mais na ideia de contracultura e

---

\* *Mayara Mayumi Sataka*: estudante de doutorado do Programa de Linguística e Língua Portuguesa na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil. Professora no Laboratório de Línguas (LabLin) na UNESP. Correio eletrônico: mayara.sataka@unesp.br. *Matheus Felipe Silva*: estudante de doutorado do Programa de Ciências Sociais na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP. Professor do Instituto Agostiniano de Filosofia, Brasil. Correio eletrônico: matheus.f.silva@unesp.br.

subversão às autoridades e instituições, como foi um dia, e sim na concepção de solidariedade à população. Além disso, Morozov advoga que é necessário pensar “fora da internet”, para desvelar a narrativa de conto de fadas do monopólio do Vale do Silício. Tanto o Vale do Silício quanto o capitalismo contemporâneo dependem um do outro para existir. Em suma, Morozov apresenta-nos em sua discussão que o potencial da internet apenas se realizará com o fim do capitalismo e dos ideais neoliberais.

270

Todo esse panorama conduz-nos a um questionamento: Por que estamos autorizados a odiar o Vale do Silício? Esse é precisamente o título do segundo capítulo da obra de Morozov. Assim, o investigador enumera três razões para odiar o Vale do Silício. O primeiro argumento é o que ele chama de “cerca invisível de arame farpado” (p. 31). É a falsa ideia de emancipação e liberdade proporcionada pelas empresas, que abarca a união entre capitalismo, neoliberalismo e desenvolvimento tecnológico. O segundo aspecto debatido pelo autor é a privatização da privacidade. Nessa direção, usamos serviços públicos comandados por setores privados, em que não se avalia o bem social, mas se tal serviço é rentável ou não. De acordo com Morozov, essa mesma lógica ocorre com a privacidade, que vem sendo cada vez mais privatizada, tornando-se uma mercadoria. Por fim, o modelo do Vale do Silício começou a ser utilizado por outras instituições. Tal modelo diz respeito à acumulação de dados e informações que podem e poderão, eventualmente, tornarem-se lucrativas, como a Google faz. Desse modo, as empresas criam problemas e oferecem as soluções, porém os verdadeiros problemas sociais não são resolvidos, como o combate à fome, a desigualdade, a discriminação racial, etc. Morozov (p. 49) ironiza: “Ainda é possível morrer por falta de comida, mas não por falta de conteúdo”.

Nesse sentido, é pertinente refletir sobre a história do capitalismo, desde o modelo Wall Street até a atualidade e esse é o tema do capítulo “Solucionismo, um conto de fadas”. O autor dedica-se a analisar sobre as duas disrupções (*disruption*) que o mundo presenciou, a da Wall Street e a do Vale do Silício. Essas disrupções, especialmente a segunda, aparentam constituir um curso natural da evolução tecnológica, sem conexão com aspectos econômicos e sociais. Por outro lado, o que é pouco evidente para as populações e o que realmente acontece, de acordo com Morozov, é a facilidade em que as empresas estão lucrando e cobrando mais caro que no passado. Os empreendedores do Vale do Silício argumentam que se fundamentam nos princípios da solidariedade, autonomia e colaboração. Entretanto, essa retórica pode ser atacada a partir de três perspectivas: a) a desigualdade entre as pessoas que podem ou não pagar os serviços e desfrutar de uma autonomia maior; b) toda a narrativa construída pelo Vale do Silício é apenas um conto de fadas; c) é possível surgir o questionamento da serventia do Estado, já que o Vale do Silício pode prover tudo para população e esse é o cenário mais preocupante. Nesse mesmo panorama, Morozov alerta que se avança para um capitalismo de plataforma (como Uber, Facebook, etc.), no qual nos eles nos ludibriam com seus serviços cool, porém são monopolistas e coletam nossos dados.

No capítulo seguinte, “A ascensão dos dados e a morte da política”, Morozov critica as premissas tecnoutópicas da implementação de regulações algorítmicas como bases pragmáticas e objetivas de soluções a problemas sociais. Segundo o investigador, o

argumento esvazia os princípios de debate público sobre quais seriam as causas dos problemas vividos na sociedade e quais as diferentes agendas possíveis. Além disso, a prestação de contas e transparência desapareceriam, na medida em que empresas privadas do ramo da tecnologia tornassem-se responsáveis pela promoção ou subsídio ao bem-estar social. A regulação algorítmica transformaria a sociedade em uma espécie de rede social, no qual cada perfil teria uma quantificação de seu capital social. O indivíduo, assim, seria afastado de uma construção de cidadão e tornar-se-ia apenas um consumidor. Nesse cenário, os algoritmos são capazes de oferecer as melhores opções de maximização da felicidade individual. Contudo, essas opções já estariam em um conjunto de escolhas limitadas pelo capital social quantificado e hierarquizado. Morozov destaca que essas novas soluções digitais se atrelam a velhas práticas de *lobbies* e recorrem a grandes investidores para favorecer a regulação algorítmica em detrimento de debates legislativos.

Em continuidade, no capítulo “Como cobaias desavisadas” são refletidas os novos dividendos da paz,<sup>1</sup> isto é, os dividendos da vigilância, na mesma narrativa de progresso tecnológico, abundância econômica e prosperidade universal, apresentada pelo autor nos capítulos anteriores. É relatado o experimento chamado *FunFit*, implementada em um aplicativo, que visava tornar as pessoas mais ativas fisicamente. Se conseguissem, os amigos dessas pessoas eram premiados com dinheiro. Dessa maneira, os dividendos da vigilância rastreiam-nos e observam-nos continuamente, como no experimento descrito. Nesse sentido, Morozov demonstra que todos os problemas sociais, até mesmo a desigualdade e a pobreza, passam a ser apenas problemas informacionais. Os defensores de dividendos da vigilância apresentam-se como beneficiadores óbvios e apolíticos, mas, “na realidade, eles só veem o que lhes interessa e só sabem o que querem saber. O que em geral não sabem e não querem ver é sua própria política” (p. 113). Como consequência, tal política gera um “simulacro de ‘solução de problemas’” (p. 114), em que os indivíduos são rastreáveis e controláveis, acreditando que essa é a sua liberdade de escolha.

271

No capítulo “Catástrofe informacional: o custo da hipocrisia”, Morozov discute as práticas de proteção dos dados. Nessa direção, o autor relata que a relação entre as *Big Techs* e a NSA (National Security Agency) demonstram a privatização da infraestrutura de comunicações. Além disso, a despreocupação com a soberania da proteção de comunicações eletrônicas favoreceu um sistema em que o Vale do Silício monetizava as operações de infraestrutura digitais, ao passo que a NSA acessava como queria os dados coletados. A “Internet das coisas”, como nomeia Morozov, avançou a ponto de criar objetos inteligentes pretensamente a serviço de necessidades cotidianas mínimas, mas que coletam e transmitem dados de usuários. O autor não vislumbra uma mudança nesse panorama, já que também se desfez o mito da segurança à privacidade natural e progressiva. Para Morozov, o debate da coleta e uso de dados está sendo atrelado apenas a esferas fiscais e comerciais. No entanto, ele argumenta que é necessário a repolitização do debate da privacidade na era digital.

---

1. “Um termo popularizado no início de 1990, segundo o qual a redução dos gastos militares promoveria o crescimento econômico” (p. 102).

No que concerne aos algoritmos, mencionado anteriormente, Morozov aborda sobre esse tema no capítulo “Efeitos colaterais dos algoritmos para a cultura democrática”. O autor destaca que o antídoto democrático para evitar o fanatismo é o caráter mutável, de incompletude e imperfeição do processo democrático. A tecnoutopia, a partir da regulação algorítmica, propõe um positivismo para o conflito ideológico, um solucionismo baseado em caminhos únicos e eficientes. O cidadão seria informado automaticamente por conteúdos personalizados e enviados por algoritmos inteligentes, que supostamente manteria a participação individual e diminuiria os custos de coleta de dados civis relevantes ao fazer político. Contudo, de acordo com o pesquisador, os algoritmos não são capazes de narrar historicamente a realidade vivida, pois simplificam a complexidade da vida social. A democracia, entregue a algoritmos, morreria, na medida em que os cidadãos são concebidos de forma atomizada, com interesses fixos e controláveis. Logo, a vida cidadã é limitada e a esfera do debate público esvaziada.

Desse modo, no capítulo “*Big Tech*: pós-capitalismo”, Morozov apresenta dois mitos sobre as transformações digitais em curso, que constroem a ideia de pós-capitalismo. Primeiramente, acredita-se que as transformações levariam a um mundo mais progressista e equitativo. Além disso, há a ideia de que as quebras de hierarquias e poderes centralizados favoreceriam os marginalizados. Entretanto, para o autor, não há um pós-capitalismo, mas um alinhamento das *Big Techs* com atores estatais e privados na pavimentação de um incremento de privatizações e ampliação da previdência corporativa. O setor produtivo da tecnologia integra uma espécie de *New Deal* digital, no qual o bem-estar é pensado de forma personalizada e distribuída para usuários de maneira desigual. Apesar de hoje a maioria dessas grandes empresas oferecerem “serviços gratuitos”, em troca da coleta e uso de dados, seu modelo de negócios avança para o emprego da inteligência artificial, que poderá ser cobrada. Tal inteligência artificial desenvolveu-se graças, em parte, a recursos vindos do Estado e dos contribuintes e da coleta e uso de dados. Sendo assim, esse panorama indica, segundo Morozov em uma conjuntura em que os dispositivos inteligentes serão indispensáveis para o acesso ao bem-estar dos indivíduos e estes pagarão pelo uso desse serviço no cotidiano.

No capítulo posterior, “A mediação digital de tudo: na intersecção da política, da tecnologia e das finanças”, Morozov afirma, que por trás do mito de heróis idealistas e talentosos em suas garagens, o setor das empresas de tecnologia é monopolizado. Além disso, é construído em uma rede de relações dessas empresas com atores políticos e financeiros poderosos. A sociedade digital contemporânea seria baseada na extração e uso de dados sem transparência, na idealização de uma vida cotidiana organizada em dispositivos inteligentes e nas *Big Techs* como mediadoras do bem-estar individual. De acordo com o estudioso, é necessário romper o monopólio intelectual dessas *Big Techs* e desmitificar a narrativa de empresas e tecnologias neutras quanto a disputas ideológicas. Cada cidadão tem o direito de saber quais de seus dados são coletados e como são utilizados, em um debate público de garantia à privacidade e a necessidade de infraestrutura comunicacional livre de controles.

Morozov encerra a obra com o capítulo “Quem está por trás da *fake news*?”. Para muitos, inclusive os atores políticos de vários países, a perda nas eleições deve-se às

*fake news*, que enfraquece a democracia. No entanto, o investigador postula que culpar as *fake news* para o desmonte da democracia consiste na invisibilização de uma crise sistemática e complexa. As ameaças verdadeiras são as democracias imaturas, que não conseguem reconhecer as origens econômicas dos nossos problemas e, ainda, a corrupção profissional. Nesse prisma, as *fake news*, *per se*, não são o problema, já que elas são fruto do capitalismo digital contemporâneo, capaz de rentabilizá-las. Desse modo, Morozov advoga que a solução para as *fake news* é repensar o capitalismo digital, em uma realidade em que os anúncios virtuais não tenham tanta influência sob nossas vidas e os cidadãos tenham maior poder de decisão.

Por fim, neste trabalho intentamos exprimir as ideias de Evgeny Morozov da obra *Big Tech. A ascensão dos dados e a morte da política*. Salientamos a contribuição desse autor e das concepções abordadas por ele para a compreensão das Tecnologias bem como do Vale do Silício na sociedade contemporânea. Sua relevância relaciona-se com a lucidez e a seriedade em que reflete os desafios atuais. Nesse sentido, torna-se uma leitura muito recomendada para todos os interessados em debruçar-se nessas temáticas.